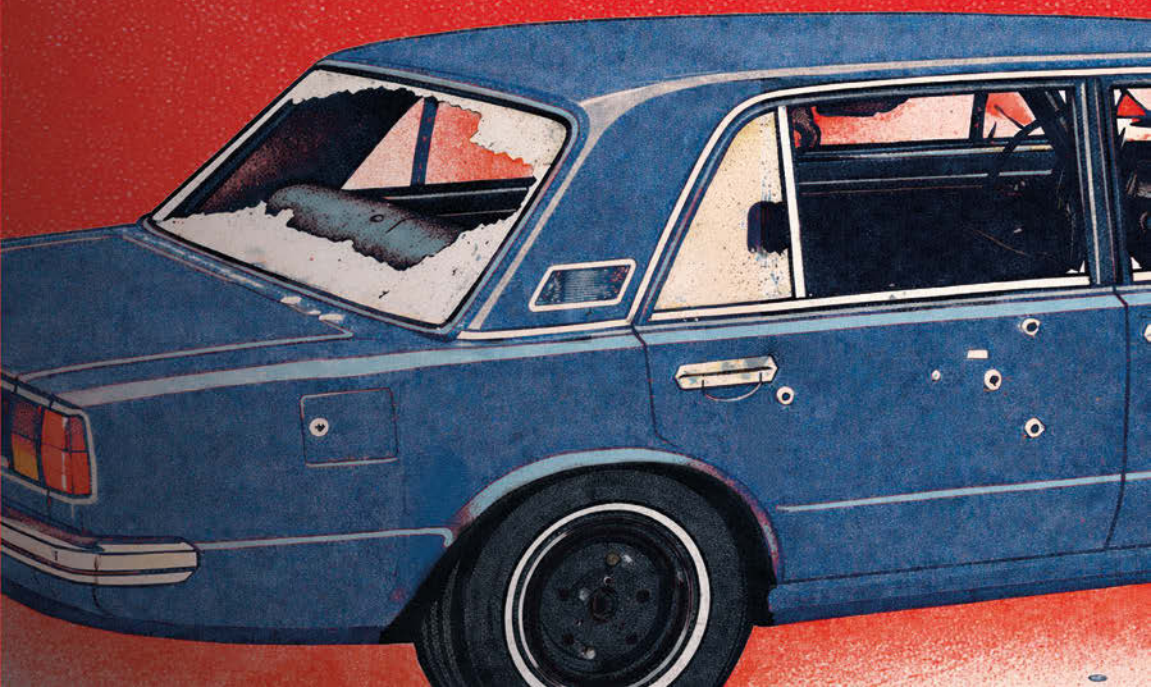


ELSINORE

CLARA USÓN

As Feras



Para aqueles que duvidam

Doce e honorável é morrer pela pátria.

HORÁCIO

Uma vida não vale nada, mas nada vale uma vida.

ANDRÉ MALRAUX

*Nunca na vida amei nenhum povo ou coletivo;
nem o alemão, nem o francês, nem o norte-americano,
tampouco a classe trabalhadora ou coisa que o valha.*

*Na verdade, amo apenas os meus amigos,
e sou completamente incapaz de qualquer outro amor.*

HANNAH ARENDT

sto foi o que me contaram. Certa tarde de setembro do ano de 1985 um homem foi alvejado à porta de casa, numa cidade de Biscaia. O seu filho de dez anos também ficou ferido, e morreu no hospital dois dias depois, sem ter chegado a recuperar os sentidos. A mulher do defunto, e mãe da criança, encontrou-os ao regressar do supermercado; o homem estava caído de bruços sobre uma poça de sangue no átrio, diante da porta de entrada; a poucos metros encontrava-se o menino, deitado de costas. O homem apresentava seis disparos, dois deles mortais; o rosto estava completamente desfigurado. O rapaz fora atingido por uma única bala na testa. A mulher sofreu um colapso nervoso e teve de ser hospitalizada. Não soube, não lho disseram, que o filho tinha falecido apenas uma semana mais tarde. O menino agonizou, sozinho, durante quarenta e oito horas na unidade de cuidados intensivos. A outra filha do casal encontrava-se no estrangeiro quando tudo aconteceu.

A notícia, nestes termos e com expressões quase idênticas, foi publicada na imprensa nacional e, com um pouco mais de pormenor, na imprensa local da época, em que, por exemplo,

se mencionava que o homem assassinado seria polícia — isso foi desmentido por uma fonte da própria Polícia Nacional, que esclareceu que a vítima já não fazia parte do corpo. Um jornal da esquerda *abertzale*¹ especulou sobre a eventual ligação do homem aos GAL². Outros atribuíram-lhe simpatias de extrema-direita. De qualquer forma, a cobertura foi breve e o atentado não mereceu a primeira página de nenhuma publicação. A ETA³ matava com frequência por aqueles dias, e mortes mais relevantes, ou em maior número, captaram a atenção dos repórteres. A ETA jamais reivindicou o atentado, cujo autor, ou autores, nunca foi identificado.

Um transeunte, que passava pela rua do edifício onde se cometeram os assassinios, disse ter visto dois jovens, um homem e uma mulher, com as cabeças cobertas com passa-montanhas e capacetes, que saíram a correr do prédio e subiram para uma *Vespa*, na qual se afastaram a grande velocidade. Acontece que a testemunha era um amigo do homem assassinado. Uma vizinha das vítimas declarou à polícia que ouvira vozes masculinas, vindas do apartamento contíguo, a discutir aos gritos e, logo depois, disparos de arma de fogo, quatro ou cinco pelo menos. Não viu nada. Não saiu ao patamar para saber o que se

¹ A palavra *abertzale* vem do basco e significa «patriota». Contudo, no contexto político do País Basco, *abertzale* passou a designar especificamente quem defende o nacionalismo basco, ou seja, a independência ou a autodeterminação de Euskal Herria (País Basco). [Todas as notas são da tradutora.]

² Grupos Antiterroristas de Liberación, uma organização paramilitar clandestina que atuou em Espanha entre 1983 e 1987, e cuja finalidade era combater a ETA.

³ Sigla de Euskadi Ta Askatasuna, que em basco significa «País Basco e Liberdade». Foi uma organização armada nacionalista basca, fundada em 1959, que tinha como missão a criação de um Estado independente no território do País Basco (abrangendo partes de Espanha e de França). Foi considerada uma organização terrorista pelo Estado espanhol, pela União Europeia e pelos Estados Unidos e o término da sua atividade foi declarado em 2011.

passava, por precaução, não fosse levar com uma bala perdida por se meter onde não era chamada. O que fez foi telefonar à polícia, que, infelizmente, chegou mais tarde do que a mulher da vítima, cujos gritos alertaram todo o prédio. Era uma família conflituosa, o homem e a mulher tinham discussões terríveis, muitas vezes a meio da noite. Ele tinha mau feitio, era um fanfarrão e um malcriado. Isso a vizinha não contou à polícia nem à imprensa, mas todo o prédio o sabia. Quando foi assassinado, o rapaz estava descalço, usava umas calças brancas de judo e tinha o tronco nu. A mulher morreu de desgosto três meses depois, uma forma amável de dizer que se suicidou. Sei-o porque conhecia a família.

A prosa burocrática das páginas de crimes — o falecido, a vítima, os disparos, as declarações das testemunhas, o local dos factos — serve para despachar com eficácia e em poucas linhas uma tragédia, que, pelo efeito desumanizador da linguagem jornalística, deixa de o ser e se transforma em apenas mais uma notícia, que amanhã já será velha. Quando conhecemos as pessoas a quem essa notícia se refere — recordamos o timbre da voz, a sua maneira peculiar de rir, as fraquezas, as manias, como o menino corava quando era apanhado em falta, ou, no caso do homem assassinado, a fúria dos olhos quando se irritava —, esse léxico assético, funcional, produz estranheza, incredulidade e também pena; é como um funeral antecipado: antes de sepultar os corpos debaixo da terra já os tinham apagado do mundo com palavras. E talvez porque em 1985 a ETA matou trinta e sete pessoas e feriu muitas mais, e investigar a fundo tantos atentados era uma tarefa ingente, ou porque aquelas duas vítimas pouco importavam, a investigação policial sobre os assassinios foi superficial, preguiçosa; limitou-se à autópsia dos cadáveres, à inspeção forense da cena

do crime e à recolha de declarações de um par de testemunhas; depois arquivou-se o processo, e o pai e o filho assassinados passaram a engrossar a lista de mais de trezentos presumíveis crimes da ETA não esclarecidos. Na verdade, nem sequer isso: as escassas provas de que dispunha a polícia não permitiam concluir, sem margem de dúvida, que a organização terrorista tivesse sido a autora dos crimes.

Não compreendo tamanha negligência; não há pior cego do que o que não quer ver. Para mim é claríssimo quem cometeu esse atentado e não entendo como a polícia não seguiu a pista dos dois jovens que, segundo a testemunha presencial, fugiram de mota do local do crime pouco depois do ataque. Não é preciso ser uma investigadora experimentada — não é o meu caso, sou inspetora, mas de elevadores — para encontrar paralelismos inquietantes com outros assassinios que um comando da ETA cometeu em Gipúscoa naqueles anos, basta percorrer a hemeroteca.

No dia 16 de novembro de 1984, Joseph Couchot, um empresário francês com antecedentes de contrabando, almoçava no restaurante Eguzkia, em Irún, sentado a uma mesa perto da porta. Às 13h35, três encapuzados, dois homens e uma mulher, irromperam no local e dispararam sobre ele. Joseph Couchot caiu ao chão e acabaram com ele com um tiro na cabeça. Os agressores escaparam num *Seat Ronda* roubado nessa mesma manhã em Rentería, que apareceu abandonado duas horas depois, numa rua da mesma cidade, vazio mas não completamente: o proprietário do carro foi encontrado vivo, atado, no porta-bagagens.

Joseph Couchot anunciara o seu assassinio. As revistas *Tiempo*, *Enbata* e *Punto y Hora de Euskal Herria* tinham-no vinculado ao grupo terrorista GAL; no dia anterior à sua morte,

Punto y Hora publicara uma resposta de Couchot na qual ele negava qualquer relação com os GAL e responsabilizava o diretor da revista pelo que lhe pudesse acontecer. A morte de Couchot foi reivindicada pela ETA militar.

Três meses depois, em 26 de fevereiro de 1985, pelas oito da noite, o marinheiro Ángel Facal Soto comia uma sanduíche à porta de um bar em Pasajes de San Pedro, com alguns amigos. Uma *Vespa* surgiu de repente; tanto o condutor como a passageira, uma mulher, tinham a cabeça coberta com capacetes e passa-montanhas. A mulher desceu da moto, desferiu um único tiro mortal na têmpora de Ángel Facal Soto, subiu de imediato para a *Vespa* e fugiu com o companheiro. A ETA emitiu uma declaração na qual assumia o atentado como parte da sua campanha contra o tráfico de droga. O morto, ao que parece, era toxicodependente de heroína e, segundo rumores, traficava droga em pequena escala.

O condutor da *Vespa* era José Ángel Aguirre Aguirre, militante da ETA; a sua acompanhante e executora do assassinio era então sua namorada e companheira de militância, Idoia López Riaño. Ambos eram muito jovens e davam ainda os primeiros passos como terroristas. Nessa altura alternavam os assassinios com assaltos a bancos à mão armada. A imprensa chamava-lhes Bonnie and Clyde.

A polícia conjecturou que a morte da criança se deveria a um acidente; acabava de regressar da aula de judo e devia estar a despir-se no quarto, daí apresentar-se descalço e meio nu. Ao ouvir os gritos de que falara a vizinha, ou o ruído seco dos disparos, atravessou a correr o corredor e depois a sala, em direção à entrada do apartamento; uma bala destinada ao pai atingiu-o em cheio na testa quando espreitava para o vestibulo. Suponho que foi assim, quero acreditar que foi assim, que

o mataram por acaso, que não chegou a ver um homem, ou uma mulher, a apontar-lhe deliberadamente à cabeça. Prefiro pensar que não se apercebeu, que o impacto da bala o surpreendeu na corrida e não teve tempo de ver o pai tombado no chão, nem encapuzados com pistolas nas mãos, que não chegou a saber que tinham disparado sobre si e que ia morrer com apenas dez anos. Muitas vezes me perguntei por que razão saiu do quarto ao ouvir o alvoroço, o que o levou a correr para o átrio. Não era um rapaz arrojado, nem temerário, bem pelo contrário, era retraído, tímido, medroso, nem sequer gostava de judo, que praticava por obrigação. Teve de ser assim: alguém tocou à campainha, o homem abriu e deparou com dois ou três encapuzados — uma mulher e um ou dois homens — armados com revólveres *Browning*, que dispararam sobre ele, e quando soavam os últimos tiros apareceu o menino, alertado. Mas há pormenores que me desconcertam: as vozes exaltadas que a vizinha disse ter ouvido, o facto de o homem ter aberto a porta a desconhecidos. A ETA não costumava dar explicações às suas vítimas, limitava-se a matá-las. E ele tinha razões para ser cauteloso e costumava tomar precauções, não me entra na cabeça que abrisse a porta de casa sem se certificar de quem estava do outro lado.

Pode ser que a vizinha tenha inventado a gritaria que precedeu o crime; era uma mulher fantasiosa, intriguista, mexeriqueira, e é de supor que os assassinos não se tenham apresentado como tal, mas como funcionários da luz ou do gás ou até como polícias; era lógico calcularem que ninguém abriria a porta a desconhecidos, e muito menos no País Basco daquela época.

José Ángel Aguirre Aguirre e Idoia López Riaño faziam parte do comando Oker, um comando «legal» da ETA, ou seja, não

identificado pela polícia, que foi desmantelado em outubro de 1985, depois de ter participado em pelo menos trinta e um atentados terroristas, entre os quais os assassinios de Ángel Facal Soto, Joseph Couchot e do polícia nacional Máximo Antonio García Kleiner. Também lhes é atribuído o incêndio da produtora de óleos alimentares Koipe, que representou um prejuízo de mil milhões de pesetas, bem como inúmeros assaltos a bancos e a caixas de poupança da região. Um assalto à mão armada a uma instituição bancária de Rentería levaria à sua detenção: os terroristas tiveram a imprudência de utilizar para o roubo um veículo propriedade de José Ángel Aguirre Aguirre. O comando Oker contava com uma vasta rede de colaboradores e quatro integrantes: José Ángel Aguirre Aguirre e Ramón Zapirain Tellechea, que foram detidos pela polícia, e Arturo Cubillas Fontán e Idoia López Riaño, que conseguiram fugir. Na notícia publicada a 23 de outubro de 1985, no *El País*, atribuíam-se-lhes o plano de atentar contra o ministro do Interior, José Barrionuevo, durante uma das suas visitas regulares ao País Basco para assistir aos funerais das vítimas da ETA.

Havia três homens e uma mulher no comando Oker, e quem, com o tempo, viria a destacar-se mais, até alcançar uma fama sinistra, seria a mulher, Idoia López Riaño, conhecida como *Tigresa*. E é isto que me custa conceber: que uma rapariga de pouco mais de vinte anos, de classe trabalhadora, filha de imigrantes, tivesse aderido com tanto entusiasmo a uma causa que, à partida, lhe deveria ser alheia, a do nacionalismo basco. Nesse sentido, Idoia López Riaño faz-me lembrar Torquemada, o inquisidor descendente de judeus convertidos, que não descansou enquanto não conseguiu expulsar os seus.

«O nacionalismo é o ópio do povo», dizia eu aos meus alunos — antes de ser inspetora de elevadores, fui professora de

História —, «o nacionalismo é por definição excludente, xenóforo, fruto de um delírio coletivo, de um orgulho geográfico doentio e de um ódio feroz ao outro, o inimigo. Que mérito há em ter nascido aqui ou ali?», perguntava-lhes retoricamente. «É puro acaso. Como pode isso determinar a identidade de alguém? O Estado-nação é uma invenção infame, resultado das divagações de alguns filósofos alemães, e o *Volksgeist*, o suposto espírito do povo, uma tolice muito perigosa em que acreditaram Hitler, Mussolini, Franco e todos os fascistas que têm existido no mundo. Não há pátria boa, a pátria mata, espero que nunca vos passe pela cabeça morrer pela pátria», advertia-os, suplicava-lhes, e concluía citando o escritor inglês E. M. Forster, que escreveu: «Se tiver de escolher entre trair o meu país e trair o meu amigo, espero ter a coragem de trair o meu país.»

Era como pregar no deserto; os meus alunos eram adolescentes apáticos que só me prestavam atenção e fixavam os olhos em mim quando soava o toque de saída. Corrijo-me: era muito pior do que pregar no deserto, porque as dunas não se escandalizam, nem abrem processos disciplinares, nem expulsam ninguém, por mais terrível que seja a monstruosidade proferida. Já os pais desses adolescentes apáticos indignavam-se por qualquer ninharia, e o diretor da escola não lhes ficava atrás. Talvez fosse verdade que os meus discursos antipatrióticos eram intempestivos e doutrinários, mas também doutrinam os manuais escolares que evocam passados supostamente gloriosos e vitórias épicas. Assusta-me o lema «Pátria ou morte»; quem está disposto a morrer pela pátria está, em regra, disposto a matar por ela. Foi isso que Idoia fez. Que sei eu dela?

Que sabes tu de mim, María Ortega, não sabes nada; apenas os lugares-comuns repetidos pela imprensa, que sou uma psicopata, uma

Mais do que os vinte e três assassinios premeditados atribuídos a Idoia López Riaño e uma pena acumulada superior a mais de dois mil anos de prisão, foram o facto de ser mulher e a sua beleza gélida a atraírem a atenção da comunicação social. Apelidada de «Tigresa» e de «a etarra mais sanguinária», Idoia tornou-se uma celebridade e figura lendária do terrorismo da ETA. As suas ações e protagonismo no interior das células operacionais da organização estão ainda hoje envoltos em polémica. Entre o que se sabe e o que não foi ou nunca será esclarecido, este romance híbrido a várias vozes liga a sua história à vida de María Ortega, uma adolescente que procura o seu lugar no mundo, filha de um polícia pertencente aos não menos violentos Grupos Antiterroristas de Libertação.

Escrito por uma das vozes mais originais e importantes da literatura espanhola e europeia, *As Feras*, último romance de Clara Usón, é um relato fascinante sobre a violência, o fanatismo e ainda sobre o machismo e a beleza como traço definidor da mulher, procurando um possível equilíbrio entre factos históricos e ficção, para iluminar um dos períodos mais traumáticos da História de Espanha: o dos anos de chumbo de 1980, marcados pela guerra suja travada entre o terrorismo da ETA e o terrorismo de Estado, pela política e sonhos de liberdade.

«Uma obra corajosa em que a imaginação
desafia a realidade e a completa.»

El Cultural



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[f elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[@ penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-676-9



9

789895 896769